



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
DEPARTAMENTO CULTURAL

GRUPO EXPERIMENTAL DE CINEMA

Acervo Digital

Walter
da Silveira

3^o

ESPETACULO
DE
FILMES DE ARTE

13 de abril

~~15 de maio~~

de 1968 - 20,30 horas

SALÃO NOBRE DA REITORIA

CICLO JOHN FORD

PRIMEIRO PROGRAMA

«O DELATOR»

("The Informer")

FICHA TÉCNICA

Realização	— John Ford
Roteiro	— Dudley Nichols, sobre o romance de Liam O'Flaherty.
Fotografia	— Van Nest Palgase, Charles Kirk e Julie Heron.
Música	— Max Steiner e Richard Hageman
Interpretação	— Victor Mc Laglen (Gypo Nolan), Heather Angel (Mary Mc Phillip), Preston Foster (Dan Gallagher), Margot Grahame (Kathie Madden), Wallace Ford (Frankie Mc Phillip), Donald Meek (Pat Mulligan), Francis Ford (o juiz).
Produção	— RKO Radio Pictures, 1935
Duração	— 1 hora e 35 minutos.

Uma das obras capitais de John Ford, "O DELATOR", situa-se fora do gênero que fez sua glória, o western.

Considerado por muitos o mais representativo cineasta americano de todos os tempos, esse descendente de irlandeses, realmente chamado Sean Aloysius O'Fearnea, deveu a consideração ao fato de ser o realizador por excelência do filme-tipo dos Estados Unidos, com os seus mitos do far-west.

Seria, entretanto, trair a história do cinema não reconhecer que para a sua admiração também concorreram filmes que não se inscrevem naqueles limites: "A PATRULHA PERDIDA" (1934), "AS VINHAS DA IRA" (1940), "A LONGA VIAGEM DE VOLTA" (1940), "COMO ERA VERDE O MEU VALE" (1941), ao lado de "O DELATOR".

Passando por diversas profissões cinematográficas até chegar à de realizador em 1917, Ford começou na verdade a sua carreira de diretor pelo gênero que o consagraria. E quando pôde revelar sua personalidade de modo pleno e definitivo, em 1924, ainda foi por um western: "O CAVALO DE FERRO", em torno da construção da estrada de ferro que uniu a costa atlântica à do Pacífico.

Já era, assim, um nome admirado quando, entre 1934 e 1946, deu as suas melhores obras, nelas incluídas "NO TEMPO DAS DILIGÊNCIAS" (1939) e "PAIXÃO DOS FORTES" (1946).

Que é "O DELATOR"? Uma volta às origens irlandesas, como seria "DEPOIS DO VENDEVAL", em 1952? Célebre romance irlandês, "The Informer" de Liam O'Flaherty localiza sua ação em Dublin, na época de suas lutas subterrâneas pela independência nacional. Tem todas as características de um povo. Mas não deixa de conter aquela universalidade que Ford tanto exigiria também nos temas mais típicos e circunscritos de seus dramas cinematográficos.

Jean Mitry, no magnífico ensaio dedicado a Ford (Éditions Universitaires, Paris, 1954), acentua que a estória de "O DELATOR", na sua brutalidade e violência, oferecia a concentração necessária e todas as virtudes próprias da tragédia. E foi mesmo como tragédia que se realizou, ao transferir-se da literatura para o cinema. Ford tratou filmicamente o assunto com uma alta dignidade sem concessões.

Foi até o rigor desse tratamento que na época indispsôs os grandes produtores contra o filme: negaram-lhe apoio, afinal encontrado por Ford em capitais privados. As filmagens duraram três semanas, com um orçamento de 218.000 dólares. E "O DELATOR", surpreendendo os senhores todo-poderosos de Hollywood, não só foi saudado pela crítica como uma obra-prima, como constituiu-se um dos maiores êxitos financeiros de 1935.

Drama sombrio, a ação de "O DELATOR" se passa em doze horas, da noite que começa à manhã que surge, com a bruma descida sobre Dublin. A unidade de tempo se elabora ao máximo. E tudo ocorre nos quarteirões pobres, com a unidade de lugar, que a de ação completaria, para filiar a tragédia aos princípios aristotélicos.

Há uma coletividade, um grupo definido, e nele se destaca um personagem, Gypo Nolan, que seguiremos ao longo da intriga. Poderia aparecer que o problema fundamental vem representado pela traição em si, que é o conflito exterior. Mas há um outro, mais profundo, que emana da consciência do traidor. Sua psicologia decifra-se por fora, pela mecânica da vida, mais do que pela estrutura íntima de seus sentimentos. Estes, porém, existem, porque existe o grupo ao qual pertence.

Muitos críticos, numa revisão da obra de Ford, vieram a apontar uma influência do expressionismo alemão em "O DELATOR", na sua noite dublinense que seria um prolongamento da alma dos

personagens. Outros lhe censuraram na cena final um caráter melodramático, tendendo à falsidade.

Poderia responder-se que a marca expressionista ainda não desapareceu do cinema, 50 anos depois de "O GABINETE DO DR. CALLIGARI" de Robert Wiene, e que muitos grandes criadores, entre os quais Orson Welles, reconheceram sua influência, tão identificável por exemplo em "O PROCESSO".

Quanto ao final de "O DELATOR", terá razão Jean Mitry quando, além de recordar que a cena já estava no romance de Flaherty, ela se incorpora ao espírito irlandês, diverso do latino. Se Gypo, tão mortalmente ferido, ainda procura forças para buscar um distante perdão cristão, é porque sua psicologia de dublinense do povo lhe exige essa conduta de morrer sob a cruz.

Filme clássico de um autor clássico, "O DELATOR" necessita ser visto com os olhos de quem sabe situar em seu tempo as obras e as figuras decisivas de cada geração.

Walter da Silveira

UMA PROGRAMAÇÃO

DO CINEMA UNIVERSITÁRIO